

## O papa e a literatura

Gabriel Perissé <sup>1</sup>

**Resumo:** O presente artigo destaca o interesse do papa Francisco pelo papel da leitura de bons livros para a formação dos padres católicos, mas também para a formação de todo fiel cristão que se interesse em amadurecer humana e espiritualmente.

**Palavras Chave:** Leitura. Papa Francisco. Formação de padres católicos. Formação intelectual.

**Abstract:** This article points out the importance that Pope Francis places on reading good books as a tool for the formation of not only Catholic priests, but also all Christians seeking deeper human and spiritual growth.

**Keywords:** Reading. Pope Francis. Formation of Catholic priests. Intellectual formation.

Causou positiva surpresa o papa Francisco ter citado o poeta brasileiro Vinicius de Moraes na sua encíclica *Fratelli Tutti*: “A vida é a arte do encontro, embora haja tanto desencontro na vida” (FT 215). A partir desta citação, é possível rastrear alguns aspectos da relação entre Jorge Bergoglio e a literatura.

Esta Carta encíclica, *Fratelli Tutti*, de outubro de 2020, é a terceira que Francisco publicou, mas, de fato, a segunda que escreveu integralmente, dado que a primeira delas, *Lumen Fidei* (de junho de 2013), foi redigida de forma colaborativa com Bento XVI. Conforme sabemos, em fevereiro daquele ano de 2013, Ratzinger renunciara ao principal cargo da Igreja católica. A encíclica *Lumen Fidei* (LF) é um texto de transição. Já a FT é um documento em que o papa Francisco se encontra à vontade para exprimir-se de modo mais autoral, como já o fizera na *Laudato si'* (LS), encíclica publicada em maio de 2015.

A LS em si mesma já pressupõe uma certa atmosfera poética. O próprio título remete ao “gracioso cântico” (LS 1) de louvor composto por um santo que via o mundo com os olhos de um trovador e que era místico ao mesmo tempo. Para compreender e buscar saídas para a atual e gravíssima crise socioambiental, que potencia e é potenciada pelas crises políticas,

---

<sup>1</sup> Doutor em Teologia (PUCRS) e Doutor em Filosofia da Educação (USP). Site pessoal: [www.gabrielperisse.com](http://www.gabrielperisse.com)

financeiras, éticas e culturais, Francisco inclui a sabedoria poética e a experiência artística como recursos para interpretar e transformar a realidade:

Se tivermos presente a complexidade da crise ecológica e as suas múltiplas causas, deveremos reconhecer que as soluções não podem vir de uma única maneira de interpretar e transformar a realidade. É necessário recorrer também às diversas riquezas culturais dos povos, à arte e à poesia, à vida interior e à espiritualidade. (LS 63)

Francisco propõe não apenas uma teologia, uma espiritualidade e uma ética, mas também uma estética ecológica, a fim de que a relação do ser humano com a natureza e o cosmo recupere maior harmonia. Em sua visão necessariamente religiosa, de líder religioso, só será possível obter essa harmonia se reincluirmos o “louvor” contemplativo em nossa maneira de conceber o mundo. Para compreendermos de que louvor se está falando, vale a pena reler o que Chesterton explicou a respeito:

[...] ninguém pode compreender [o louvor] enquanto o identificar com culto à natureza ou otimismo panteísta. Quando dizemos que um poeta louva toda a criação, em geral queremos dizer apenas que ele louva todo o universo. Mas o tipo de poeta a que me refiro louva mesmo a criação, no sentido de ato da criação. Ele louva a passagem ou a transição da inexistência para a existência; enquadra-se aqui também a sombra da imagem arquetípica da ponte, que deu ao padre seu nome arcaico e misterioso (“intermediário”).<sup>2</sup>

O poeta que louva é *pontifex*, ou seja, exerce o papel de alguém que estabelece uma ponte, conforme nos indica a etimologia: *fex*, no latim, remetendo ao verbo *facere*, “fazer”, “criar”, em articulação com *pons*, “ponte”. O pontífice cria uma ponte entre o nada e o tudo, entre criatura e Criador, e entre a humanidade e a criação.

Voltando à *Fratelli Tutti* e à menção a Vinicius, é curioso que Francisco não cite abertamente o nome do poeta brasileiro no corpo do texto. Faz a citação, “a vida é a arte do encontro, embora haja tanto desencontro na vida” (FT 215), e remete discretamente à nota 204: “Vinicius de Moraes, ‘Samba da Bênção’, no disco *Um encontro no ‘Au bon*

---

<sup>2</sup> CHESTERTON, Gilbert. *São Tomás de Aquino e São Francisco de Assis*, p. 85-86.

*Gourmet*’ (Rio de Janeiro 02/VIII/1962)”. Oculta o nome do poeta para, porventura, não escandalizar os mais tradicionalistas, ainda que algumas críticas inevitáveis tenham surgido, como a de ele ter citado “um samba sincrético de um poeta comunista brasileiro”.<sup>3</sup>

Possivelmente quem critica Francisco por ter citado o “Poetinha” (assim os amigos apelidaram Vinicius) não se lembrará de que não foi só desta vez. Na Exortação apostólica pós-sinodal *Querida Amazônia*, de fevereiro de 2020, lemos:

Os poetas populares, enamorados da sua imensa beleza, procuraram expressar o que este rio [o Amazonas] lhes fazia sentir e a vida que ele oferece à sua passagem, com uma dança de delfins, anacondas, árvores e canoas. Mas lamentam também os perigos que a ameaçam. Estes poetas, contemplativos e proféticos, ajudam a libertar-nos do paradigma tecnocrático e consumista que sufoca a natureza e nos deixa sem uma existência verdadeiramente digna: “Sofre o mundo da transformação dos pés em borracha, das pernas em couro, do corpo em pano e da cabeça em aço [...]. Sofre o mundo da transformação da pá em fuzil, do arado em tanque de guerra, da imagem do semeador que semeia na do autômato com seu lança-chamas, de cuja sementeira brotam solidões. A esse mundo, só a poesia poderá salvar, e a humildade diante da sua voz”. (QA 46)

A citação é extraída de uma crônica poética escrita por Vinicius de Moraes para o jornal carioca *A Manhã*, em 1946. Na Exortação, diz-se que o título da crônica era “A transformação pela poesia”. Houve um pequeno equívoco. Na verdade, o título era “A transfiguração pela poesia”. Foi a primeira crônica escrita por Vinicius, que, naqueles tempos conturbados, era já poeta conhecido, atuando como crítico de cinema e diplomata concursado.

A leitura integral de “A transfiguração pela poesia” dá uma ideia do que Francisco espera da poesia. Vinicius refere-se ali à poesia como “carne dos pobres humilhados, das mulheres que sofrem, das crianças com frio”.<sup>4</sup> O trecho final da crônica, não incluído na Exortação (por motivos que podemos supor), é contundente:

[a poesia] surgirá de vozes jovens fazendo ciranda em torno de um mundo caduco;  
de vozes de homens simples, operários, artistas, lavradores, marítimos, brancos e

---

<sup>3</sup> SOLIMEO, Luiz Sérgio. *Fratelli Tutti: uma encíclica socialista-utópica, ecumênico-interreligiosa*, em: <https://www.ipco.org.br/fratelli-tutti-uma-enciclica-socialista-utopica-ecumenico-interreligiosa> (Acesso em 22/11/2023)

<sup>4</sup> MORAES, Vinicius. *Poesia completa e prosa*, p. 701.

negros, cantando o seu labor de edificar, criar, plantar, navegar um novo mundo; de vozes de mães, esposas, amantes e filhas, procriando, lidando, fazendo amor, drama, perdão. E contra essas vozes não prevalecerão as vozes ásperas de mando dos senhores nem as vozes soberbas das elites. Porque a poesia ácida lhes terá corroído as roupas. E o povo então poderá cantar seus próprios cantos, porque os poetas serão em maior número e a poesia há de velar.<sup>5</sup>

Nessa mesma Exortação, Francisco cita a poeta kichwa Yana Lucila Lema, o poeta e ambientalista colombiano Juan Carlos Galeano, o poeta peruano Javier Yglesias, o poeta e operário boliviano Jorge Vega Márquez, e os mais conhecidos Pedro Casaldáliga (bispo e poeta espanhol, naturalizado brasileiro) e o chileno Pablo Neruda. Esses poetas têm em comum um profundo amor pela América Latina e de modo especial pela cultura indígena.

Retomemos, porém, uma vez mais, a *Fratelli Tutti*. Neste documento, como a querer demonstrar, ironicamente, que nem só de poesia moderna o papa vive, Francisco escreve: “Vem à mente o conhecido verso do poeta Virgílio evocando as lágrimas das coisas, das vicissitudes da história” (FT 34). Se realmente há aqui alguma ironia, poderíamos imaginar que o papa faz alusão a um poeta latino considerado pela tradição cristã como “pagão virtuoso” (ao lado de outros não cristãos como Sócrates, Aristóteles, Sêneca, Cícero), companheiro de Dante pelos caminhos do inferno e do purgatório.

Citar Dante, a propósito, também jamais atrairia críticas. Tenha sido por iniciativa de Bento XVI ou de Francisco, já na *Lumen Fidei* o chamado Sumo Poeta (ou o Teólogo Poeta, como se afirma também) é mencionado:

[...] a fé não mora na escuridão, mas é uma luz para as nossas trevas. Dante, na *Divina Comédia*, depois de ter confessado diante de São Pedro a sua fé, descreve-a como uma “centelha / que se expande depois em viva chama / e, como estrela no céu, em mim cintila”. É precisamente desta luz da fé que quero falar, desejando que cresça a fim de iluminar o presente até se tornar estrela que mostra os horizontes do nosso caminho, num tempo em que o homem vive particularmente carecido de luz. (LF 4)

Ainda na *Lumen Fidei*, cita-se outro poeta, agora dos nossos tempos, o cristão anglicano T.S. Eliot:

---

<sup>5</sup> MORAES, Vinicius. *Poesia completa e prosa*, p. 702.

Quando a fé esmorece, há o risco de esmorecerem também os fundamentos do viver, como advertia o poeta Thomas Stearns Eliot: “Precisais porventura que se vos diga que até aqueles modestos sucessos / que vos permitem ser orgulhosos de uma sociedade educada / dificilmente sobreviveriam à fé, a que devem o seu significado?” (LF 55)

A quarta encíclica de Francisco, *Dilexit nos*, de outubro de 2024, revela no próprio estilo de Francisco um desejo de poesia:

Na era da inteligência artificial, não podemos esquecer que a poesia e o amor são necessários para salvar o humano. O que nenhum algoritmo conseguirá abarcar é, por exemplo, aquele momento de infância que se recorda com ternura e que continua a acontecer em todos os cantos do planeta, mesmo com o passar dos anos. Penso na utilização do garfo para selar as bordas daquelas empadas caseiras que preparávamos com as nossas mães ou avós. [...]. Tal como o exemplo do garfo, poderia citar milhares de pequenos pormenores que sustentam a biografia de cada um: sorrir com uma piada, fazer um desenho em contraluz numa janela, jogar o primeiro jogo de futebol com uma “bola de trapos”, cuidar de lagartas numa caixa de sapatos, secar uma flor entre as páginas de um livro, cuidar de um pássaro que caiu do ninho, formular um desejo ao despetalar uma margarida. Todos estes pequenos pormenores, o ordinário-extraordinário, nunca poderão estar entre os algoritmos. Porque o garfo, as piadas, a janela, a bola, a caixa de sapatos, o livro, o pássaro, a flor... são sustentados pela ternura preservada nas memórias do coração. (DN 20)

O papa enumera objetos do cotidiano familiar vivido em outros tempos. Mais do que meros objetos, são símbolos. Pretende com essa evocação resgatar o mundo hipertecnológico da vertigem e do vazio. Será desse modo que a poesia salvará o mundo, humanizando o mundo. Esse contato com as coisas simples, de um modo igualmente simples, mas criativo, faz lembrar a poesia de um Mario Quintana, de uma Adélia Prado.

Em relatos autobiográficos, Bergoglio relembra seu tempo de professor, na Argentina da década de 1960, e seu intento de apresentar para os alunos a importância decisiva da literatura em nosso aperfeiçoamento humano:

Devo dizer que eram todos garotos muito atentos, principalmente os que cursavam os dois últimos anos do ensino médio: durante as aulas de História da Literatura Espanhola e Argentina, tentei incentivá-los na escrita criativa e expliquei-lhes que era preciso distinguir o que os livros escolares diziam do que os autores diziam. Por isso, organizei vários encontros em sala de aula com alguns escritores: María Esther Vázquez veio nos visitar. Ela tinha um programa sobre literatura na rádio e colaborava com Jorge Luis Borges, com quem havia escrito alguns livros. Um tempo depois, recebemos o próprio Borges, que realizou uma série de encontros memoráveis. Convidei também a jovem María Esther de Miguel, autora do *best-seller* argentino *Los que comimos a Solís*, que impressionou muito as crianças com suas palavras e também com sua beleza!

Para os alunos, essas experiências formativas foram muito importantes, assim como para mim, que, passo a passo, me preparava para a ordenação sacerdotal em 1969.<sup>6</sup>

O que Francisco não conta, aqui, a jornalista e escritora Evangelina Himítian revela em seu livro *A vida de Francisco*. O então futuro papa é um grande apreciador da literatura. Desde a adolescência, encantou-se pela leitura de romances como *Os noivos*, de Alessandro Manzoni. Tornou-se leitor assíduo de Borges e de Leopoldo Marechal, aprendeu de cor o poema *Martín Fierro* (o épico nacional argentino, da autoria de José Hernández), e tem, entre seus clássicos pessoais, grandes poetas como Friedrich Hölderlin.<sup>7</sup> Não por acaso, portanto, Francisco fez publicar uma Carta *sui generis* sobre o papel da literatura na educação, em julho de 2024.<sup>8</sup>

Inicialmente, os destinatários desta Carta seriam apenas seminaristas. Francisco estaria pensando em sua própria formação sacerdotal, e em como seria oportuno que os atuais formandos, no mundo inteiro, tivessem um contato vivo com a literatura. Contudo, em dado momento, tomou consciência de que essa formação literária seria útil igualmente para “todos os agentes pastorais” e para “qualquer cristão”.<sup>9</sup>

Francisco acredita que o amor à leitura não é algo ultrapassado. Não obstante nos sintamos pressionados pela onipresença da internet, obcecados pelas telas e presos à massiva

---

<sup>6</sup> FRANCISCO, Papa. *Vida: a minha história através da história*, p. 88.

<sup>7</sup> HIMITIAN, Evangelina. *A vida de Francisco: o papa do povo*, p. 22-23.

<sup>8</sup> FRANCISCO, Papa. *Carta sobre o papel da literatura na educação*.

<sup>9</sup> FRANCISCO, Papa. *Carta sobre o papel da literatura na educação*, n. 1.

infodemia, a leitura de bons livros pode sempre nos abrir novos espaços interiores, onde haja liberdade para pensar melhor.

A atenção à leitura de textos literários de qualidade é essencial, insiste Francisco. Muito longe de ser mero passatempo, conduz o leitor a conhecer o coração humano. Com grande felicidade, o papa define: “a literatura tem a ver com o que cada um de nós deseja da vida, uma vez que entra numa relação íntima com a nossa existência concreta, com as suas tensões essenciais, com os seus desejos e os seus significados.”<sup>10</sup>

Esta definição nasceu de sua própria experiência de vida, como passa a relatar:

Aprendi isto nos tempos da juventude, com os meus alunos. Entre 1964 e 1965, quando tinha 28 anos, fui professor de literatura numa escola jesuíta, em Santa Fé. Ensinava aos dois últimos anos do liceu e tinha de fazer com que os meus alunos estudassem *El Cid*. Mas eles não gostavam. Pediam para ler García Lorca. Por isso, decidi: em casa, estudariam *El Cid*, e, durante as aulas, abordaria os autores de que aqueles jovens mais gostavam. Claro que eles queriam ler obras literárias contemporâneas; porém, à medida que fossem lendo o que os atraía no momento, iriam adquirindo em geral o gosto pela literatura, pela poesia, e depois passariam a outros autores. Afinal, o coração procura mais e, na literatura, cada um encontra o seu próprio caminho. Por exemplo, eu gosto muito dos artistas das tragédias, porque todos podemos sentir as suas obras como nossas, como a expressão dos nossos próprios dramas. No fundo, ao chorar o destino das personagens, estamos a chorar por nós mesmos: o nosso vazio, as nossas falhas, a nossa solidão. Naturalmente, não estou a pedir para fazerdes as mesmas leituras que eu fiz. Cada um encontrará os livros que falarão à sua própria vida e que se tornarão verdadeiros companheiros de viagem. Não há nada mais contraproducente do que ler por obrigação, fazendo um esforço considerável só porque alguém disse que é essencial. Não, devemos seleccionar as nossas leituras com abertura, surpresa, flexibilidade, orientação, mas também com sinceridade, tentando encontrar o que precisamos em cada momento da vida.<sup>11</sup>

Poderíamos percorrer toda essa Carta, parágrafo a parágrafo, em busca de muitíssimos desdobramentos, mas tal possibilidade cabe a cada um explorar por conta própria. Nos limites deste artigo, será suficiente salientar que o poder humanizador da literatura nos protege do

---

<sup>10</sup> FRANCISCO, Papa. *Carta sobre o papel da literatura na educação*, n. 6.

<sup>11</sup> FRANCISCO, Papa. *Carta sobre o papel da literatura na educação*, n. 7.

fanatismo, dessa postura rígida e destrutiva, contrária ao que, no fundo, mais ansiamos: mútua compreensão, mútua ajuda, diálogo fraterno. As palavras de Francisco vão direto ao ponto:

O olhar da literatura forma o leitor para o descentramento, para o sentido do limite, para a renúncia ao domínio cognitivo e crítico da experiência, ensinando-lhe uma pobreza que é fonte de extraordinária riqueza. Ao reconhecer a inutilidade e, talvez até, a impossibilidade de reduzir o mistério do mundo e do ser humano a uma polaridade antinômica de verdadeiro/falso ou de certo/errado, o leitor aceita o dever de julgar não como instrumento de domínio, mas como impulso para uma escuta incessante e como disponibilidade para se envolver nessa extraordinária riqueza da história que se deve à presença do Espírito, e também se dá como Graça, isto é, como acontecimento imprevisível e incompreensível que não depende da ação humana, mas redefine o humano enquanto esperança de salvação.<sup>12</sup>

Percebemos, nas linhas e entrelinhas, que Francisco possui sincera vontade de valorizar a leitura como meio de formação saudável, de crescimento intelectual, de amadurecimento afetivo e de enriquecimento espiritual. Em tempos de preocupante analfabetismo funcional, tal esforço de valorização é muito bem-vindo.

A título de conclusão a esta sua Carta, papa Francisco nos convida a refletir nas seguintes palavras do poeta e tradutor judeu Paul Celan, falecido em 1970: “Quem realmente aprende a ver, aproxima-se do invisível”.<sup>13</sup> Uma frase enigmática, mas não de todo indecifrável, que dá razão, conforme destaca outro poeta, o espanhol Carlos Ortega, ao que disse um crítico a respeito de Celan: “Paul Celan é um dos raros grandes poetas religiosos de nosso tempo”.<sup>14</sup>

## REFERÊNCIAS

CELAN, Paul. *Obras completas*. Trad.: José Luis Reina Palazón. 3. ed. Madrid: Trotta, 2002.

CHESTERTON, Gilbert Keith. *São Tomás de Aquino e São Francisco de Assis*. Trad.: Adail Ubirajara Sobral e Maria Stela Gonçalves. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.

---

<sup>12</sup> FRANCISCO, Papa. *Carta sobre o papel da literatura na educação*, n. 40.

<sup>13</sup> FRANCISCO, Papa. *Carta sobre o papel da literatura na educação*, n. 44.

<sup>14</sup> Citado por Carlos Ortega no prólogo ao livro CELAN, Paul. *Obras completas*, p. 33.



FRANCISCO, Papa. *Carta sobre o papel da literatura na educação*, em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/letters/2024/documents/20240717-lettera-ruolo-letteratura-formazione.html> (Acesso em 25/10/2024).

FRANCISCO, Papa. *Vida: a minha história através da história*. Trad.: Milena Vargas. Rio de Janeiro: HarperCollins Brasil, 2024.

HIMITIAN, Evangelina. *A vida de Francisco: o papa do povo*. Trad.: Maria Alzira Brum Lemos e Michel Teixeira. Rio de Janeiro: Objetiva, 2013.

MORAES, Vinicius. *Poesia completa e prosa*. Org.: Eucanaã Ferraz. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2004.

Recebido para publicação em 15-10-24; aceito em 30-10-24